



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE (UFCG)
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO SEMIÁRIDO
(CDSA)
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS

MYRNA MACIEL ALVES

VIOLÊNCIA CONTRA MULHER EM SERRA BRANCA: um estudo geracional

SUMÉ – PB

2017

MYRNA MACIEL ALVES

VIOLÊNCIA CONTRA MULHER EM SERRA BRANCA: um estudo geracional

Trabalho de Conclusão de Curso, de Licenciatura em Ciências Sociais, da Universidade Federal de Campina Grande\Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido, realizado sob orientação da Profa. Dra. Sheylla de Kássia Silva Galvão.

SUMÉ – PB

2017

A474v Alves, Myrna Maciel.
 Violência contra a mulher em Serra Branca: um estudo geracional.
 / Myrna Maciel Alves. - Sumé - PB: [s.n], 2017.

54 f.

Orientadora: Profa. Dra. Sheylla de Kassia Silva Galvão.

Monografia - Universidade Federal de Campina Grande; Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido; Curso de Licenciatura em Ciências Sociais.

1. Ciências Sociais. 2. Violência contra mulher. 3. Violência de Gênero. I. Título.

CDU: 343.97-055.2(043.1)

MYRNA MACIEL ALVES

VIOLÊNCIA CONTRA MULHER EM SERRA BRANCA: um estudo geracional

Trabalho de Conclusão de Curso, de Licenciatura em Ciências Sociais, da Universidade Federal de Campina Grande\Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Ciências Sociais.

BANCA EXAMINADORA

Sheylla de Kassia Silva Galvão

Prof. Dra. Sheylla de Kassia Silva Galvão
(Orientadora – UFCG/CDSA/UACIS)

Tereza Raquel Gomes Batista

Prof. M.a. Tereza Raquel Gomes Batista
(Examinadora Titular – FIC)

Kátia Carina Mesquita Cruz Araújo

Profa. M.a. Kátia Carina Mesquita Cruz Araújo
(Examinadora Titular – UFCG/CDSA/UACIS)

Aprovada em 15 de Setembro de 2017.

Dedico este trabalho a todos aqueles que estiveram ao meu lado contribuindo de maneira direta ou indiretamente.

AGRADECIMENTOS

Ao arquiteto do universo pelo dom da vida, pela força de vontade e coragem para assim concluir esta pesquisa e por consequência este curso.

A minha família que sempre me deu apoio em todos os momentos da minha vida e em especial ao tempo que dediquei-me a este trabalho. A minha mãe Ronilda Brito Maciel que sempre dedicou sua vida a profissão e a sua família, no qual sempre lutou para que seus filhos obtivessem um estudo de qualidade. Aos meus irmãos Stella, João José, Mirtys, Mirella e Maria Rita que sempre estiveram do meu lado.

Aos amigos que já tinha, pois tornou-se essencial o apoio obtido por estes e aos que consegui durante esta caminhada, no qual pretendo zelá-los para assim fazer desta uma amizade longa e duradoura.

Aos professores que possuí ao longo da minha vida, pois tenho em mim um pedacinho de cada experiência vivenciada ao lado de vocês desde a alfabetização até mesmo nos dias atuais.

As experiências vivenciadas através do PIBID, a professora supervisora Katia Carina, seus ensinamentos foram fundamentais, aos colegas de projeto, tendo em vista que, enfrentamos vários desafios superando todos eles.

As mulheres que se disponibilizaram a serem entrevistadas, fazendo com que pudesse obter êxito neste trabalho.

A todos os professores que obtive durante o período de graduação, tenho por vocês uma grande admiração e carinho.

A minha orientadora Sheylla Galvão, que disponibilizou-se em embarcar nesta pesquisa, dedicando-se a apoiar-me.

A todos aqueles que direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste trabalho.

A TODOS VOCÊS

O MEU MUITO OBRIGADA!

RESUMO

A violência contra a mulher é um fenômeno preocupante e que acontece em altos índices no Brasil, assim como na região do Cariri Paraibano. Diariamente são noticiados casos de violência e feminicídio cada vez mais crescente, o que nos faz refletir do porquê o Brasil ser um país de tanta violência contra a mulher. Assim, este trabalho procurou desvendar, por meio de uma pesquisa geracional, que fez uso de entrevistas com mulheres de três gerações (avó, mãe e neta) de uma mesma família como é o pensamento a respeito da violência contra a mulher, verificando se há divergências ou não, se há interferências no pensamento de cada geração, ou se a educação recebida pela avó e passada para mãe e neta prevalecem. É um trabalho que expõe conceitualmente as diversas formas de violência contra a mulher, além de dados referentes aos tipos de violência e como estas ocorrem, bem como buscou através das entrevistadas o entendimento das mulheres, ou seja, se estas reconhecem a violência contra a mulher, quais os tipos e como ocorrem. Os dados indicaram que o fenômeno da violência contra a mulher está intrinsecamente ligado ao modelo patriarcal de educação vigente no Brasil, em que as mulheres estão numa relação de dominação e submissão aos homens.

Palavras-chave: Violência contra as mulheres. Estudo de geração. Violência de gênero. Cariri Paraibano.

ABSTRACT

Violence against women is a worrying phenomenon occurring at high rates in Brazil, as well as in the region of Cariri Paraibano. Daily reports of violence and femicide are increasingly reported, which makes us reflect on why Brazil is a country with so much violence against women. Thus, this work sought to unveil, through a generational research, that made use of interviews with women of three generations (grandmother, mother and granddaughter) of the same family as is the thought about violence against women, verifying if there is whether there is interference in the thinking of each generation, or whether the education received by the grandmother and passed on to the mother and granddaughter prevail. It is a work that conceptually exposes the various forms of violence against women, as well as data on the types of violence and how they occur, as well as searching through the interviewees for the understanding of women, that is, if they recognize violence against women, what types and how they occur. The data indicated that the phenomenon of violence against women is intrinsically linked to the patriarchal model of education in force in Brazil, where women are in a relationship of domination and submission to men.

Keywords: Violence against women. Geração Study. Gender Violence. Cariri Paraibano.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	09
1.1 JUSTIFICATIVA.....	10
1.2 OBJETIVOS.....	12
2 REVISÃO DE LITERATURA.....	14
2.1 A VIOLÊNCIA COMO FENÔMENO SOCIAL.....	14
2.2 VIOLÊNCIA DE GÊNERO, DOMÉSTICA E CONTRA A MULHER.....	16
2.3 VIOLÊNCIAS E SUAS CARACTERÍSTICAS.....	23
2.3.1 Violência física.....	23
2.3.2 Violência sexual.....	23
2.3.3 Violência Psicológica.....	25
2.3.4 Violência Patrimonial.....	26
2.4 A ARTICULAÇÃO DAS MULHERES EM TORNO DE SEUS DIREITOS E A CRIAÇÃO DA LEI MARIA DA PENHA.....	27
3 METODOLOGIA.....	31
3.1 CENÁRIO DA PESQUISA.....	31
3.2 PARTICIPANTES DA PESQUISA.....	32
3.3 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS.....	33
3.4 PROCESSO DE COLETA E TRATAMENTO DOS DADOS.....	33
3.5 PROCEDIMENTO DE ANÁLISE DOS DADOS.....	33
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	35
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
REFERÊNCIAS.....	47
APÊNDICES.....	49
Apêndice A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	50
Apêndice B – Instrumento para coleta de dados (Roteiro de Entrevista).....	51

1 INTRODUÇÃO

O contexto sociopolítico no qual nossa sociedade encontra-se inserido ainda é pautado pelo machismo e autoritarismo, presente tanto nas instituições oficiais quanto nas relações interpessoais, assim todos nós, homens e mulheres, vivenciamos elementos do patriarcalismo presente em nosso modelo de educação e de sociedade, reproduzindo-o e reificando-o cotidianamente nas nossas ações.

Dessa forma, vale ressaltar que parcelas significativas da sociedade, especialmente as minorias, vivem em busca romper com os elementos causadores de exclusão ou dominação, por meio da luta pela igualdade de direitos. Isso não se faz diferente para com as mulheres, que por sua vez objetivam superar a desigualdade de gênero em que encontram-se inserida nas relações sociais. São anos de luta para superar as diferenças e conseguirem ver seus direitos assegurados pelo Estado, o responsável, grosso modo, por zelar pelo bem comum.

Apesar da grande contribuição dos Movimentos Sociais e do Movimento Feminista, em especial, não foi o bastante para que a sociedade analisasse o papel da mulher com outra perspectiva, uma de fato mais igualitária, consolidando padrões de manutenção de direitos, como por exemplo o direito a vida. Basta ver os índices de violência contra a mulher no Brasil para constatar que um direito tão básico ainda não foi estabelecido no padrão comportamental de nossa sociedade.

Nesta perspectiva, o surgimento e atuação do Movimento Feminista trazem um novo prisma relacionado ao papel da mulher, reivindicando e assegurando direitos perante o Estado. Luta constantemente para acabar com o preconceito ainda existente em nossa sociedade para com o gênero feminino, tendo em vista que nas relações de gênero, a estrutura reinante faz com que o masculino objetive sobrepor-se ao gênero feminino.

Diante das várias reivindicações inerente no Movimento Feminista também está inserido a visualização das várias formas de violência para com as mulheres. Violências estas, que ocorrem das mais diversificadas formas, desde um assédio verbal até mesmo a morte. Estes fatos podem ser observados todos os dias, seja na rua, no campo de trabalho ou até mesmo no âmbito familiar (POLITIZE, 2016).

A realidade vivenciada perante as mulheres é a de medo, pois todos os dias os noticiários são pautados por algum ato que envolve a violência contra a mulher e embora a maioria não saiba violência não só está resumida a questão física, mas também envolve a simbólica ou psicológica. Apesar de haver uma movimentação feminista em busca de

solucionar esta problemática, se faz notório que só isto não basta, é necessário uma transformação na sociedade que, no momento, não proporciona quase nada em termos de segurança para as mulheres.

Na grande maioria dos casos pensa-se que violência contra a mulher é apenas o ato de violência física ou sexual. Porém, trata-se de um contexto muito mais amplo do que o imaginado, no qual a mulher está propícia as mais variadas formas de violência e severidade. Estas podem vir a ocorrer desde um ato de violência verbal, em que a mulher é agredida com palavras que atentam contra sua imagem ou que venham a abalar sua auto-estima como até mesmo um caso em que a mulher seja assassinada ou seja levada a cometer suicídio.

A violência contra a mulher é caracterizada por várias formas, seja ela no aspecto físico quando há qualquer tipo de agressão que cause lesão ou não no corpo da mulher. Violência sexual, no qual se dá por qualquer ato em que a vítima sinta-se obrigada por meio da força ou de algum tipo de coerção ou ameaça que a leve a praticar atos de natureza sexual. A violência psicológica ou moral, está se dá pelo abalo da autoestima da mulher, por meio de palavras ofensivas, desqualificação, ou até mesmo a proibição de estudar, trabalhar entre outros. Como também violência patrimonial, intrafamiliar ou doméstica, conjugal, institucional entre outros aspectos que podem vir a caracterizar-se como violência de gênero (CNJ.JUS,2017).

1.1 JUSTIFICATIVA

Mesmo na contemporaneidade, ainda o patriarcalismo não foi abolido. Ainda sobrevive o discurso que mostra a mulher como o sexo frágil, dependente e inferior ao homem. A violência contra a mulher ainda é um tipo de ocorrência universal, que atinge qualquer classe social, etnia, religião ou cultura, ou seja, ela ocorre indistintamente.

Com isso, devido os resquícios de patriarcalismo a violência contra a mulher tem seu cunho centrado em uma problemática social, que ultrapassa as épocas históricas desde o princípio da civilização, ao qual o modelo de família patriarcal está vinculado, envolvido pelas diferenças de gênero, educação ou cultura. (POLITIZE, 2016)

Estas várias formas de violência despertou o interesse pessoal em analisar este tema, pois ao tratar sobre violência contra a mulher, mesmo na contemporaneidade, fica evidenciado que este tipo de acontecimento é visto como algo simples e que ao contrário da

realidade do pensamento dos indivíduos ela não ocorre de uma só maneira, ela pode ser manifestada das mais variadas formas.

Diante do cenário brasileiro em que a mulher sofre diariamente com a violência de gênero, a literatura sobre o tema aponta que muitas sofrem violência sem saber o real motivo e por mais que o Movimento Feminista realize protestos e manifestações os números de vítimas só aumentam, mesmo sendo o movimento feminista uma ação organizada que cresce cada vez mais, ainda não possui autonomia suficiente para retroceder este tipo de digressão na sociedade.

Sensibilizada pela situação de violência em índices alarmantes por que passam as mulheres no Brasil, cresceu o interesse em pesquisar este tema. Pois mesmo estando no século XXI parece que retrocedemos a cada dia, e que este retrocesso impossibilita a consolidação da liberdade e da igualdade civil entre os cidadãos, especialmente no caso da mulher.

Exemplos de retrocesso podem ser visualizados diariamente quando, por exemplo no discurso em comemoração ao Dia Internacional da Mulher, o 8 de março como é conhecido, o atual presidente ilegítimo Michel Temer referiu-se às mulheres como “donas de casas”, relegando seu papel ao ambiente doméstico, cenário presente no século XIX.

Ou mesmo as matérias jornalísticas em que a Primeira Dama, Marcela Temer aparece referenciada como “Bela, Recatada e Do lar”¹, impingindo às mulheres o lugar de submissão ao homem, sem autonomia, nem capacidade laboral para gerir sua própria vida, o que também se configura como uma violência simbólica contra as mulheres.

Tendo em vista que mesmo diante dos avanços ainda constatamos um grande índice de violência das mais variadas formas contra a mulher, o que nos remete a inúmeras indagações perante um país como o Brasil, em que a mistura de cores, raças, culturas se é tão vasta, mas ainda se constitui uma sociedade tão preconceituosa e machista.

Como se não bastasse a violência simbólica, mais mulheres no Brasil estão sujeitas a severas agressões físicas e até a morte.

Dados da Organização das Nações Unidas (ONU) de 2011 apontam que mais de 70% das mulheres em todo o mundo sofrem algum tipo de violência de gênero ao longo da vida. A estimativa é que em cada cinco mulheres uma venha ser vítima de estupro ou de tentativa de estupro. As mulheres com idade entre 15 e 44 anos apresentam maior risco de sofrer violência sexual e doméstica do que de serem vítimas de câncer, acidentes de carro ou malária, por exemplo. De acordo com dados da pesquisa do Sistema de Informação de Agravos de Notificação do Ministério da Saúde, de 2011, publicada no Mapa da Violência 2012 – Homicídios de Mulheres, no Brasil, a violência

¹ “Bela, Recatada e Do lar” é o título de uma reportagem da Revista Veja, Edição 2474. ESPECIAL/Ano 49.

física contra a mulher é a preponderante, englobando 44,2% dos casos. A psicológica ou moral representa acima de 20%. Já a violência sexual, 12,2%. (Brasil.gov.br)

Observando estes dados podemos constatar o quanto as mulheres vivenciam a insegurança. Vale ressaltar que para ocorrer violência de gênero, violência contra a mulher não é preciso sair de casa, ela pode ocorrer com pessoas que talvez seja depositada total confiança, ou seja, algum familiar.

A escolha do local da pesquisa justifica-se de três maneiras. Primeiro, Serra Branca é o município de nascimento e residência da pesquisadora. Portanto, salutar em entender a cultura e a organização social local. Segundo, devido a cidade não possuir nenhum tipo de órgão especializado para atender mulheres que chegam a sofrer alguma forma de violência contra a mulher, como também não possui nenhum tipo de mecanismo para alertar as mulheres de como pode vir a ocorrer a violência contra a mulher, ou seja, as vítimas em muitos casos não sabem que são violentadas diariamente por seus parceiros, devido não conhecerem as diversas formas de violência contra a mulher. Terceiro, a contribuição de uma pesquisa científica, realizada no âmbito de um curso de graduação em Ciências Sociais de um Centro de uma Universidade Federal que está inserido numa região que não apresenta pesquisas sobre o tema, é de imensa relevância para a compreensão do fenômeno da violência contra a mulher, bem como para a formulação de políticas públicas.

Em outra perspectiva, esta pesquisa foi realizada com a intenção de conhecer o pensamento feminino para a violência contra a mulher, realizado com três gerações distintas visando analisar se estas três gerações possuem concordância ou divergência em relação ao entendimento sobre a violência contra a mulher, ou seja, como pensam cada geração e também se estes pensamentos estão de acordo com a literatura. Assim, desenvolve-se os elementos metodológicos para elucidar a seguinte questão de pesquisa: O pensamento de mulheres de gerações diferentes de uma mesma família a respeito da violência contra a mulher é o mesmo?

A questão de pesquisa impulsiona a formulação de vários outros questionamentos que este trabalho pretende responder ou, pelo menos, examinar. Desta forma, refletimos a respeito se as visões de mundo se modificam ao longo do tempo ou a educação, os valores e normas passados de geração para geração são preponderantes sobre as mulheres no processo de entendimento a respeito do seu papel na sociedade e sobre a violência contra a mulher.

1.2 OBJETIVOS

Geral:

- Avaliar, a partir de uma perspectiva geracional, a representação social que as mulheres do município de Serra Branca têm sobre a violência contra a mulher.

Específicos:

- Classificar e identificar os tipos de violência contra a mulher;
- Apontar como as mulheres tratam sobre violência contra a mulher no município de Serra Branca;
- Indicar se há diferença sobre violência entre as gerações pesquisadas

Diante da conjuntura vivenciada pela sociedade em relação a violência contra a mulher, este trabalho analisou as diversas formas de violência contra a mulher, como também a hipótese das mulheres possuírem conhecimento relacionado as várias formas existentes de violência. Para tal passamos ao capítulos seguinte em que este trabalho elenca os principais tipos de violência contra a mulher segundo a literatura sobre o tema com vistas a servir de suporte para às análises dos dados e comprovação ou refutação das hipóteses elaboradas.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 A VIOLÊNCIA COMO FENÔMENO SOCIAL

Quando abordamos o assunto violência, mesmo estando na contemporaneidade, trazemos à tona com este tema dados alarmantes. Todos os dias os noticiários relatam sobre o índice de violência que aumenta a cada dia. É um fenômeno que se faz presente em todos os períodos da história da humanidade.

Violência deriva do latim, *violentia*, que remete a *vis* (força, vigor, emprego da força física, ou os recursos do corpo para exercer sua força vital). Essa força torna-se violência quando ultrapassa um limite ou perturba acordos tácitos e regras que ordenam relações, adquirindo carga negativa ou maléfica. É, portanto, a percepção do limite e da perturbação (e do sofrimento que provoca) que vai caracterizar o ato como violento, percepção essa que varia cultural e historicamente (<http://www.nevusp.org/downloads/down021.pdf>)

Ao contrário do que muitos imaginam violência vai muito além de atos físicos, são ações que podem causar uma pequena lesão física ou até mesmo a morte. Ela manifesta-se através de diversas formas, seja através de guerras, torturas, morte, injúrias, agressão verbal, entre outros atos. E pode ser identificada por violência contra a mulher, contra o idoso, contra o adolescente e até mesmo como violência verbal, sendo esta uma das causadores de doenças psíquicas.

O Relatório mundial sobre violência e saúde aborda violência como:

Uso intencional da força física ou do poder real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha qualquer possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação (KRUG *et al.*, 2002, p. 5).

Compreender violência é um pouco complexo, tendo em vista que a violência abrange todos os atos de descumprimento dos direitos: civis, sociais, econômicos, e políticos. É algo que perpassa de geração para geração e mesmo isto parecendo absurdo pode-se constatar esta tradição das sociedades através da história.

Não se conhece nenhuma sociedade totalmente isenta de violência. Ela consiste no uso da força, do poder e de privilégios para dominar, submeter e provocar danos a outros: indivíduos, grupos e coletividades. Há sociedades mais violentas do que outras, o que evidencia o peso da cultura na forma de solução de conflitos (MINAYO, 2003, p. 3).

Sabe-se que ao longo da história da humanidade, vivenciou-se momentos históricos relacionados a atos violentos, a exemplo de guerras e conflitos ocasionados em busca de poder, em uma raça se sobrepor a outra. A sociedade construiu-se com a violência inserida no dia a dia de cada indivíduo tornando-se algo comum. É um ato que pode variar de acordo com a cultura, ou seja, variando os graus de violência de maior ou menor, isso ocorre de acordo com a construção social de cada sociedade.

Dentro deste mundo cheio de diversas sociedades e com elas distintas culturas, cada qual possui proporções particulares, que com o decorrer dos anos vão se moldando, vão aceitando ou não a forma que ocorre a violência, como também se há punição ou não para a mesma.

Com isso vale ressaltar que violência não ocorre de acordo com o seu conceito, mas de como é determinado através da cultura. Tendo em vista que a violência é uma problemática que tanto interfere nas questões sociais como em todas as camadas de uma sociedade.

Segundo Ruiz e Mattioli (2004) em violência psicológica e violência doméstica, a violência é assunto constantemente veiculado pelos meios de comunicação. Ouvimos falar dela na hora do almoço, através dos telejornais; compramos violência nas revistas e jornais; núcleos de estudos são criados em várias universidades com essa proposta temática; presenciamos estarecidos a violência do crime organizado; lamentamos os índices de analfabetismo e as precárias condições em que vive um sem número de brasileiros; comentamos episódios violentos que acontecem diariamente e do qual são protagonistas pessoas que nos são familiares: um assalto, uma briga, uma morte, uma surra, sequestros: emudecemos diante da violência.

Já é possível ouvir a expressão “banalização da violência”, referindo-se a algo comum em nossa sociedade, como se os atos violentos fizessem parte da nossa rotina. Através deste pensamento se faz notório o quanto a violência encontra-se diluída dentro da sociedade, tornando-se algo comum perante os indivíduos, que na maioria das vezes se omitem perante a situação.

Como já foi mencionado a violência ocorre das mais diversificadas formas como também contra as mais diversificadas vítimas. Dentre elas podemos destacar a violência contra a

mulher, que na contemporaneidade está se destacando entre as demais pelo fato de muitos estudos estarem voltada para este tipo de violência.

Para Araújo, Martins e Santos (2004), a mulher é a maior vítima da violência de gênero. Segundo as estatísticas, 95% dos casos de violência praticada contra a mulher, o homem é o agressor. Em função disso, usam-se frequentemente as expressões *violência de gênero e violência contra a mulher* como sinônimos. Uma comparação errônea, pois mesmo ambas tratando sobre a temática violência possuem características distintas, com isso faz-se necessário o entendimento de que ainda há muito para ser explorado.

Ao longo dos anos, a violência encontra-se como tema comum diante dos estudos de gênero, porém é algo que mesmo estando presente no campo acadêmico vale ressaltar que existe uma necessidade de compreensão perante a sociedade, uma necessidade de popularização dos estudos e achados científicos a respeito do tema de forma que sirva para as modificações necessárias à sociedade no processo de consolidação da igualdade civil.

2.2 VIOLÊNCIA DE GÊNERO, DOMÉSTICA E CONTRA A MULHER

Apesar de estarmos no século XXI, vivenciamos uma sociedade ainda machista e patriarcal, no qual a mulher ainda é vista como um objeto submisso ao homem, que deve seguir o modelo de mulher imposto pela sociedade, o tipo sexo frágil. Mas, mesmo através desta perspectiva as mulheres enquadradas como minorias lutam para conseguirem igualar seus direitos, que por sua vez objetivam superar a desigualdade de gênero ainda inserida nas relações sociais.

Ao longo dos anos e através da história percebemos que vários foram os acontecimentos e as lutas ocorridas para obter um mínimo de direito assegurado pelo Estado e entre eles podemos destacar um movimento que a cada dia ganha mais força e visibilidade perante a sociedade, o Movimento Feminista, que objetiva, entre outras demandas, garantir os direitos das mulheres.

Vale salientar, que mesmo se tratando de um movimento relacionado ao gênero feminino este não almeja apenas lutar pelas mulheres, mas sim busca a igualdade entre os gêneros.

Assim, observa-se que estes tipos de violências sejam elas de gênero, doméstica ou contra a mulher começaram a ganhar um pouco mais de notoriedade diante a sociedade, seja pelo fato de que ainda ocorre inúmeros casos do ato violento ou seja pela insistência diária de

movimentos como o feminista em buscar reverter a situação de injustiça para com as minorias. São anos de luta para superar as diferenças, porém ainda não foi o bastante para que a sociedade se transformasse o suficiente para observar sob outra perspectiva o papel da mulher diante da mesma.

Segundo Giddens (1994) a emancipação das mulheres que hoje trabalham fora de casa, nos lugares outrora ocupados primordialmente pelos homens, os métodos anticoncepcionais, o poder do consumo, a sua participação na política foram alguns dos aspectos que pressionaram as mudanças nas relações de gênero.

O sonho do casamento foi trocado pelo trabalho, o sucesso profissional que assume metas de realização pessoal. A reprodução desvincula-se do prazer sexual, aspecto este de destaque no *amor confluyente*. Neste caso percebemos que através de alguns mecanismos se houve um avanço, porém não o bastante para haver a igualdade entre os gêneros, pois diante da violência não há igualdade, ou seja, a violência ainda não acabou.

A violência de gênero traz consigo importantes questionamentos e também discursões dentro da nossa sociedade, este fenômeno é causado por algum tipo de sofrimento, revolta, trauma entre outros aspectos. É caracterizado também pelo fato de existir algum ato violento em função do gênero no qual pertence os indivíduos envolvidos.

Violência de gênero é o conceito mais amplo, abrangendo vítimas como mulheres, crianças e adolescentes de ambos os sexos. No exercício da função patriarcal, os homens detêm o poder de determinar a conduta das categorias sociais nomeadas, recebendo autorização ou, pelo menos, tolerância da sociedade para punir o que se lhes apresenta como desvio. Ainda que não haja nenhuma tentativa, por parte das vítimas potenciais, de trilhar caminhos diversos do prescrito pelas normas sociais, a execução do projeto de dominação-exploração da categoria social homens exige que sua capacidade de mando seja auxiliada pela violência. (SAFIOTTI, 1996, p.115)

No ano de 1995, a Organização das Nações Unidas (ONU) passou a analisar a violência de gênero através de outros aspectos. Dessa forma avaliou este tipo de violência como uma questão que vai além das manifestações das relações de poder, ou seja, relações de desigualdades entre homens e mulheres, com isso este tipo de fenômeno começou a ser percebido também como uma questão de impedimento com relação a objetivos relacionados a igualdade, liberdade e desenvolvimento social, que por sua vez se fazem necessários para que direitos humanos venham a ser alcançados.

Para Winck e Strey (2007) os estudos de gênero têm, à sua frente, a necessidade de transpor as diversas barreiras que ainda teimam em marginalizar a sua representatividade, ignorando a própria existência do campo não somente enquanto meio de produção científica, mas também enquanto fruto de uma necessidade político social.

A violência de gênero é de fato relacionado a questões culturais como qualquer outro tipo de violência, porém esta implica a questões do machismo, a forma em que o machismo encontra-se diluído nas ações efetivadas pelo indivíduo.

A violência de gênero traz muitos questionamentos, pois diante do cenário em que vivemos a mesma ocorre das mais diversificadas maneiras. Dessa forma muitos estudiosos se dedicaram a esta temática e aqui é possível destacar três correntes teóricas:

A primeira, que denominamos de dominação masculina, define violência contra as mulheres como expressão de dominação da mulher pelo homem, resultando na anulação da autonomia da mulher, concebida tanto como “vítima” quanto como “cúmplice” da dominação masculina; a segunda corrente, que chamamos de dominação patriarcal, é influenciada pela perspectiva feminista e marxista, compreendendo violência como expressão do patriarcado, em que a mulher é vista como sujeito social autônomo, porém historicamente vitimada pelo controle social masculino; a terceira corrente, que nomeamos de relacional, relativiza as noções de dominação masculina, concebendo violência como uma forma de comunicação e um jogo do qual a mulher não é “vítima” senão “cúmplice” (SANTOS & IZUMINO, 2005. P.148)

Um fato imposto erroneamente relacionado a violência de gênero é a questão de caracterizar este tipo de violência como algo exclusivo dos homens. Porém, vale ressaltar que a violência de gênero pode ocorrer para com ambos os sexos, estando relacionada ao simples fato de um sexo se sobrepor ao outro, mesmo que na maioria das vezes devido ao modelo patriarcal e machista inserido na sociedade, ocorre pela supervalorização do sexo masculino e a inferioridade do sexo feminino, no qual ainda se reproduz a imagem da mulher como o sexo frágil, dependente e inferior ao homem, com isso a violência de gênero acaba sendo ocasionada na maioria das vezes entre o sexo masculino contra o sexo feminino.

Almeida (1998) afirma que a violência de gênero é mais ampla do que a violência doméstica, embora a suponha. Saffioti (1995) e Almeida utilizam a expressão violência de gênero para designar um padrão específico de violência, que “visa à preservação da organização social de gênero, fundada na hierarquia e desigualdade de lugares sociais

sexuados que subalternizam o gênero feminino”; e “amplia-se e reatualiza-se na proporção direta em que o poder masculino é ameaçado” (1995:159).

Para Saffioti (1995), a violência de gênero apresenta duas faces no qual são produzidas em densas relações de poder, objetivando o controle da categoria que detém sua menor parcela, e revela impotência de quem a perpetra para exercer a exploração-dominação, pelo não consentimento do alvo desta forma de violência.

A violência doméstica não é caracterizada apenas por um ato ocorrido no âmbito domiciliar ou familiar, isto é ela pode vir a ser ocasionada fora desse espaço mencionado, porém ocorre predominantemente na residência, abarcando comportamentos que buscam vir a controlar a vítima.

Um dos fatos mais associados a violência doméstica é a de um homem seja ele namorado, marido, ou ex da vítima a agredindo, na maioria das vezes motivado por um sentimento de posse sobre aquela mulher. De fato esta descrição é velha e bastante conhecida diante a sociedade, porém não se resume apenas a este aspecto.

A violência doméstica ocorre numa relação afetiva, cuja ruptura demanda, via de regra, intervenção externa. Raramente uma mulher consegue desvincular-se de um homem violento sem auxílio externo. Até que isto ocorra, descreve uma trajetória oscilante, com movimentos de saída da relação e de retorno a ela. Mesmo quando permanecem na relação por décadas, as mulheres reagem à violência, variando muito as estratégias. A compreensão deste fenômeno é importante, porquanto há quem as considerem não-sujeitos e, por via de consequência, passivas (CHAUÍ, 1992; GREGORI, 1989.p.4).

A violência doméstica é presente e recorrente em todo o mundo, gerando crimes hediondos e graves violações de direitos humanos, e mesmo assim diante deste contexto a sociedade ainda insiste em culpabilizar a mulher que não passa de vítima, agravando ainda mais a situação.

Para Saffioti (1992) a expressão violência doméstica costuma ser empregada como sinônimo de violência familiar e, não raramente, de violência de gênero [...] apresenta pontos de sobreposição com a familiar, podendo também atingir pessoas que, não pertencendo à família, vivem, parcial ou integralmente, no domicílio do agressor, como é o caso de agregados e empregadas (os) domésticas (os). Este tipo de violência não afeta apenas mulheres, ela pode ocorrer com crianças, adolescentes, adultos e idosos independente do sexo.

No contexto da violência doméstica, a tortura psicológica, conjugada à privação financeira, tem implicado a dependência de mulheres, o não-suprimento de necessidades materiais importantes, o medo de não conseguir fazer face as demandas de subsistência dos filhos, o receio de perder sua guarda, e de que os mesmos tenham sua integridade ameaçada. A simbiose deste clima de violência com manifestações intermitentes de afeto e de arrependimento do conflito no interior da relação violenta. (ALMEIDA, 1998. P.4).

Para que caracterize-se como violência doméstica é necessário haver algum tipo de parentesco, seja ele por consanguinidade ou por afetividade, ou seja, pode vir a atingir vítimas que não pertençam ao núcleo familiar, vindo assim a serem pessoas que habitam parcial ou integralmente este ambiente.

As vítimas de violência doméstica podem ser ricas, pobres, de qualquer idade, sexo, religião, cultura, orientação sexual, formação ou estado civil. E apesar de ser um ato que possui dados alarmantes a violência doméstica não é devidamente reconhecida, sendo tratada com naturalidade através de mecanismos históricos e culturais, aos quais mantem a desigualdade entre homens e mulheres.

De acordo com Almeida (1998), a violência doméstica vem atingindo mundialmente predominantemente mulheres e crianças. Ainda expõe que a única pesquisa nacional realizada até a década de 1990 no Brasil (FIBGE, 1990), no qual permite estimar a dimensão desta problemática, indica que, se forem considerados pessoas de ambos os sexos que declararam terem sofrido agressões físicas, as mulheres foram agredidas por parentes em proporção superior ao homens. Sem contar que, as mulheres sobreviventes de violência enfrentam mais períodos de grande nervosismo e irritabilidade, também encontram-se em taxas bem elevadas de depressão, confusão e perda de memória.

A violência cometida contra a mulher é um fenômeno que se faz presente diante da sociedade durante milênios, pois vale ressaltar que a mulher era e ainda é tida como um ser sem expressão, que servia apenas para acatar ordens advindas do seu pai e posteriormente de seu marido.

A dominação masculina compreende a violência contra a mulher como expressão de dominação desta pelo homem, resultando na anulação da autonomia da mulher, concebida tanto como “vítima” quanto como “cúmplice” dessa dominação, sendo esta violência decorrente de uma ideologia que define a condição “feminina” como inferior à “masculina” (SANTOS & IZUMINO, 2005.p.147).

A violência contra a mulher ainda não é considerada da devida forma. Assim, vale salientar que muitos autores abordam esta temática como algo irrelevante. Porém é algo que vai muito além de um ato físico ou verbal, são ações que já perpassam gerações, que podem ocasionar lesões físicas, psíquicas ou até mesmo a morte. No que tange, a violência contra a mulher não tem dia, hora ou local marcado para ocorrer, tendo em vista, que esta pode vir a acontecer dentro do próprio âmbito familiar.

É algo que já se encontra diluído perante as ações ocorridas no dia a dia de uma sociedade, que na maioria dos casos são vistos como algo natural, pois como diz o dito popular “em briga de marido e mulher, ninguém mete a colher.” Para Safotti (1999) violência contra a mulher envolve não apenas aquela cujos perpetradores são parentes ou conhecidos vivendo sob o mesmo teto, mas também a cometida por qualquer desconhecido sem nenhuma relação estabelecida com a vítima.

A violência contra a mulher pode ocasionar diversos tipos de consequências sendo estas fatais, físicas e mentais. As consequências fatais mais ocorridas são o suicídio e o homicídio. As sequelas para a saúde física da mulher são mais variadas. Dentre esta variedade podemos citar: lesão de natureza grave ou leve, mutilações, doenças crônicas, doenças sexualmente transmissíveis, ferimentos, hematomas, fraturas, infecções, gravidez indesejada e até mesmo o aborto.

E o desfecho para a saúde mental se apresentam como estresse pós-traumático caracterizado pela destruição da autoestima, apatia, depressão, ansiedade, isolamento, rejeição familiar ou social, disfunção sexual, distúrbios do sono, pânico, desordem alimentar, comportamentos obsessivo compulsivos, incapacidade permanente ou temporária para o trabalho.

A violência contra a mulher caracteriza-se em diversificadas formas, e também diversos graus de crueldade, seja ela no aspecto físico, sexual, psicológica/moral ou patrimonial. Estas formas de violência não se reproduzem isoladamente, mas partem de uma crescente sequência de acontecimentos que podem causar até mesmo homicídios, neste caso evidencia-se como o ato mais extremo.

Especificamente à violência contra a mulher e à violência doméstica, há uma explicação suplementar para a sua grande ocorrência no Brasil. Ela não está ligada somente à lógica da pobreza, ou desigualdade social e cultural. Também está ligada diretamente ao preconceito, à discriminação e ao abuso de poder que possui o agressor com relação à sua vítima. A mulher, em

razão de suas peculiaridades, compleição física, idade, e dependência econômica, está numa situação de vulnerabilidade na relação social. (LINTZ, 1987, p. 34-35)

A violência de gênero, doméstica e a violência contra a mulher é um tipo de ocorrência universal, que atinge qualquer classe social, etnia, religião ou cultura, ou seja, ela ocorre indistintamente. De acordo com a Agência Patrícia Galvão a violência pode ocorrer com “a rica ou pobre, branca ou negra, jovem ou idosa, com deficiência, lésbica, indígena, vivendo no campo ou na cidade, não importa a religião ou escolaridade. Toda mulher pode sofrer violência, uma vez que, no Brasil (e em outros países do mundo), o processo social, histórico e cultural naturalizou definições das identidades do masculino e do feminino que, carregadas de desigualdades, contribuem para que as mulheres estejam mais expostas a certos tipos de violência, como a doméstica e a sexual”. (www.agenciapatriciagalvao.org.br)

A violência física, provém da agressão sobre o corpo da mulher que pode variar entre empurrões, chutes, queimaduras, por meio de armas brancas como facas, estiletes ou até mesmo armas de fogo. Violência sexual, se trata de qualquer ato em que a vítima é obrigada, forçada, coagida ou até mesmo ameaçada a realizar algum tipo de relação sexual, como o estupro ou assédio sexual.

Violência psicológica ou moral, trata-se de um abalo na autoestima da mulher, no qual o agressor utiliza palavras ofensivas, ou seja, que denigram a imagem da mulher como a desqualificação, difamação, proibições de estudo e trabalho fazendo da mulher um indivíduo sem utilidade alguma. Violência patrimonial, ocorre quando o ato possui o intuito de dificultar o acesso da vítima a possuir autonomia, usando a perda, o dano ou a destruição de bens e valores da mulher vitimada.

Violência intrafamiliar ou doméstica, está acontece no lar ou unidade doméstica, no qual o agressor possui algum tipo de parentesco seja ele natural como pai, mãe, filhos, civil como esposo, sogra, padrasto por afinidade como primos, marido ou por afetividade amigos que morem na mesma casa, este tipo de violência pode ocorrer de forma física, sexual, psicológica ou abandono. A violência contra a mulher possui um contexto muito mais amplo do que este aqui mencionado, porém estes são tidos como os principais casos de violência. (CNJ.JUS, 2017).

Com isso, devido os resquícios de patriarcalismo estes fenômenos tem seu cunho centrado em uma problemática social, desde o princípio da civilização no qual a família patriarcal está vinculada, envolvido pelas diferenças de gênero, educação ou cultura.

2.3 VIOLÊNCIAS E SUAS CARACTERÍSTICAS

2.3.1 Violência física

A violência contra a mulher no aspecto físico, provém da agressão sobre o corpo da mulher que pode variar entre empurrões, chutes, queimaduras, por meio de armas brancas como facas, estiletes ou até mesmo armas de fogo. Mas, nem toda violência física é ocasionada através de espancamento, são considerados também como abuso físico a tentativa de arremessar objetos, com a intenção de machucar, sacudir e segurar com força uma mulher.

Este tipo de ato violento contra a mulher pode vir a ocorrer tanto no âmbito familiar, dentro da sua própria casa, como também em lugares públicos. É algo que tornou-se um tanto comum diante da sociedade, no qual a mesma não utiliza-se de quase nada para vir a acabar com este tipo de ação, tornando-se apática diante dos acontecimentos, é um tipo de violência visível, porém muitas vezes os indivíduos fingem que não veem, para não possuírem nenhum tipo de responsabilidade. Ou pelo simples fato de vivenciarmos em um meio ainda patriarcalista, no qual o homem é quem manda e desmanda, o agressor na maioria das vezes, ou até mesmo em todas as vezes acredita que é o dono da mulher e por isso faz aquilo que quer.

Os índices de violência física são alarmantes, tendo em vista que mesmo depois da elaboração de leis como a Lei Maria da Penha seus índices continuam estarrecedores. Em dados expostos pela Central de Atendimento à Mulher, o Ligue 180, em 2015, a violência física ao qual é relatada a este tipo de atendimento foram registrados em torno de 50,16% dos casos.

Vale destacar que estes índices se referem a casos que são denunciados ou registrados, mas é claro que existem vítimas que vivem no anonimato, aos quais preferem submeter-se ao silêncio e continuarem com o sofrimento para assim não arriscarem suas próprias vidas, tendo em vista que a maioria dos casos são ocasionados por companheiros ou ex- companheiros, e estes além de bater, espancar ou empurrar sempre ameaçam de morte, caso as vítimas pensem em deixa-los ou denunciá-los.

2.3.2 Violência sexual

Trata-se de qualquer ato em que a vítima é obrigada, forçada, coagida ou até mesmo ameaçada a realizar algum tipo de ato sexual, pode caracterizar-se também como o estupro ou assédio sexual. “O estupro ofende as mulheres, não só no corpo possuído pelo prazer e ímpeto de tortura do agressor, mas principalmente porque nos aliena da única existência possível: a do próprio corpo.” (www.agenciapatriciagalvao.org.br)

Este tipo de violência pode ocorrer tanto dentro do âmbito familiar como também por outrem. Pode vir a ocorrer tanto com homens quanto com mulheres, porém a principal vítima é a mulher, no qual a jovem e a adolescente estão mais propícias a este tipo de violência. Dentro de um relacionamento abusivo, pressionar ou forçar a mulher para obter relações sexuais, ou obrigar a companheira a realizar atos sexuais sem nenhum tipo de proteção ou ainda obrigá-la a participar de atos sexuais com outras pessoas, caracteriza-se sim como violência sexual.

A violência sexual pode ser cometida por diferentes pessoas seja estranhos, pessoas que possuem algum tipo de conhecimento como vizinhos ou colegas, pode vir a ocorrer com alguém próximo seja algum familiar, amigo ou ex namorado, ou seja, esta violência pode ocorrer por qualquer pessoa desde um ente querido ao desconhecido. Também acontece nas mais diversificadas relações, seja elas íntimas, familiares, de amizade, namoro, ou até mesmo em alguma relação curta de apenas uma noite. Com isso pode vir a ser ocasionada em distintos contextos, como em casa, na rua, na escola ou até mesmo nas relações virtuais. O agressor utiliza-se das mais variadas situações para vir a conseguir o ato sexual.

A violência sexual não é resumida apenas a penetração forçada, pois existem muitos atos que são de natureza sexual como toques íntimos indesejados, carícias indesejadas, forçar a tocar ou acariciar o órgão sexual de outrem, comentários ou piadas de caráter que cause algum desconforto. São das mais diversificadas formas que pode sim ser um ato de violência sexual e que com certeza traz danos irreparáveis para a vítima.

O não consentimento da vítima em quaisquer que seja o ato sexual é sim uma forma de violência. “A violência sexual é a mais cruel forma de violência depois do homicídio, porque é a apropriação do corpo da mulher – isto é, alguém está se apropriando e violentando o que de mais íntimo lhe pertence. Muitas vezes, a mulher que sofre esta violência tem vergonha, medo, tem profunda dificuldade de falar, denunciar, pedir ajuda.” (www.agenciapatriciagalvao.org.br\Aparecida Gonçalves)

Este tipo de violência pode vir a causar danos irreparáveis para a vítima, seja a longo ou curto prazo. A longo prazo podemos citar distúrbios relacionados a sexualidade, apresentar alguns sinais de distúrbios psiquiátricos como a depressão, o pânico, vindo a tornar-se uma

pessoa dependente de substâncias psicoativas ou até mesmo de cometer suicídio. Em curto prazo podemos citar além das consequências físicas ocorridas imediatamente podemos expor infecções no aparelho reprodutor, doenças sexualmente transmissíveis, ou seja, as famosas DSTs e até mesmo uma gravidez. (www.agenciapatriciagalvao.org.br)

2.3.3 Violência psicológica

Este tipo de violência pode ser tão ou mais grave que a violência física e sexual. Esta é definida por sua subjetividade, tornando-se assim invisível. É um tipo de violência em que a vítima na maioria dos casos não sabe definir tamanho sofrimento. A violência psicológica nem sempre causa dor física, mas para aqueles que experimentam sentimentos de estresse, sofrimento psíquico, humilhação, torna-se mais atormentado que algumas dores físicas tendo em ocasiões futuras grandes consequências.

Segundo a Organização Mundial da Saúde, a violência psicológica é definida como qualquer conduta que lhe cause dano emocional e diminuição da autoestima ou que vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição, insulto, chantagem, ridicularização, exploração e limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que lhe cause prejuízo à saúde psicológica. (www.tautonomia.com/2015/10/violencia-psicologica.html).

A violência psicológica na maioria dos casos acontece dentro da própria casa, o agressor, no qual se enquadra como esposo da vítima investe em ofensas e xingamentos, menospreza a companheira colocando-a sempre em um patamar abaixo, faz com que ela pareça inútil, possui grande possessividade, no qual faz com que a vítima afaste-se de familiares e amigos e viva apenas em função do agressor ocasionando assim o isolamento da vítima, faz ameaças de abandono, agressão e de até mesmo morte. (www.agenciapatriciagalvao.org.br)

Vale ressaltar que a violência psicológica traz consigo também casos de culpabilidade em que o agressor faz com que a vítima sinta-se culpada daquilo que não está ao seu alcance, desaprova-a, pois faz com que a mulher sinta-se incapaz. Em casos de violência psicológica dificilmente a vítima procura algum apoio externo. O estado psicológico da mulher encontra-se tão abalado que como já foi mencionado ela passa a acreditar que a culpa daquilo que está

acontecendo é de total responsabilidade dela e como desfecho acaba aceitando e justificando a posição do agressor, prorrogando a exteriorização da sua angustia, até que um dia um ato de violência física ocorra. (www.agenciapatriciagalvao.org.br)

2.3.4 Violência patrimonial

A violência patrimonial é caracterizada por qualquer conduta que acondicione a retenção, subtração, estrago total ou parcial de seus objetos sejam eles de trabalho ao até mesmo documentos pessoais. Também compromete bens, valores de direito ou recursos econômicos.

A mulher vítima de violência patrimonial é aquela que almeja dispor de sua potencialidade a serviços de um trabalho para assim vir contribuir com a sua família, mas é impedida por seu companheiro, que destrói seus documentos pessoais assim como seus bens de valores. Este tipo de violência ainda engloba a transferência de bens da vítima para o agressor seja por meio de pressão ou convencimento. (CNJ.JUS,2017).

Em situações de violência patrimonial o agressor que na maioria das vezes é o companheiro da vítima é aquele que conhece muito bem a mulher agredida, ou seja, sabe como ela reagi em cada situação, sabe os detalhes do seu dia a dia, sabe também o que ela mais deseja realizar em sua vida, seja profissional ou pessoal. Este tipo de violência também é enquadrada como violência psicológica, pois o agressor arruína não apenas os seus bens materiais, mas também seus sonhos, sua vontade de viver.

No Brasil, de acordo com o Mapa da Violência (2015), a cada quatro minutos uma mulher dá entrada no Sistema Único de Saúde (SUS) vítima de violência. A cada onze minutos uma mulher é estuprada no Brasil, são registrados por dia treze mulheres vítimas de assassinato. Das mulheres que sofreram algum tipo de violência 26 % ainda vive com o seu agressor. Os homicídios de mulheres negras aumentou em 54 % em 10 anos. Dos casos de estupros, 70 % é ocorrido por pessoas que as vítimas conhecem. 85 % da população feminina brasileira tem medo de sofrer violência sexual. Mesmo diante dos avanços que se vem alcançando após a Lei de nº 11.340/ 2016 (Lei Maria da Penha), ainda nos dias de hoje se contabiliza 4,8 assassinatos a cada 100 mil mulheres, fazendo com que o Brasil se coloque no 5º lugar no ranking de países nesse tipo de crime (Mapas de Violência, 2015).

Além do Brasil possuir dados alarmantes, as pesquisas evidenciam que os homens, ou pelos menos a maioria deles, veem a violência contra a mulher como algo errado. Porém, a

cada 2 minutos 5 mulheres são espancadas no Brasil. Uma em cada cinco mulheres afirmam terem sofrido algum tipo de violência de algum homem, seja ele conhecido ou não. O parceiro é responsável por mais de 80 % dos casos reportados. A lei Maria da Penha é conhecida em 84% das mulheres e 85 % dos homens (Fundação Perseu Abramo/SESC, 2010).

A problemática vai muito além do que se imagina, pois dos 5.565 municípios existentes no Brasil, apenas 397 possuem Delegacia da Mulher. Este número corresponde a 7% a totalidade de municípios.

De acordo com dados do IBGE (2009), havia 1.043 municípios com algum tipo de estrutura voltada a mulher, isso representa 18,7% do total de cidades brasileiras. Desses apenas 262 possuem Casas Abrigos para atendimento a mulheres vítimas de violência, 559 centros de referência de atendimento à mulher, 469 núcleos especializados em atendimento à mulher das Defensorias Públicas, e 274 Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a mulher.

De modo geral, ainda de acordo com o IBGE (2009), os municípios com esses serviços estão concentrados na Região Sudeste. Deixando as outras regiões com deficiência para atender e suprir as necessidades desta problemática.

É relevante ressaltar que para se considerar como violência não é necessário ocorrer a agressão física, o abuso pode ocorrer de outras formas, como já foi mencionado e ocasionar graves consequências para a vítima, afetando sua autoestima e confiança.

Para aqueles que encontram-se do outro lado da moeda torna-se bastante acessível o término de um relacionamento abusivo. Porém para a vítima é algo quase que improvável de acontecer, haja vista que a vítima encontrasse sem capacidade de agir diante a situação, tornando-se cada vez mais submissa ao agressor, ao qual perante a violentada não passa de um parceiro que a ama e que só utiliza de determinadas ações por mera proteção. (www.feminismonapratica.com)

2.4 A ARTICULAÇÃO DAS MULHERES EM TORNO DE SEUS DIREITOS E A CRIAÇÃO DA LEI MARIA DA PENHA

Ao longo dos séculos vários tipos de desigualdades foram vivenciadas em torno das mulheres, com o passar das décadas e também com a busca da autonomia feminina foram surgindo meios para que as mesmas obtivessem algum método de se defenderem ou então de lutar por seus direitos, dessa forma surgiu o Movimento Feminista.

O Movimento Feminista é um movimento politizado que tem como fundamental propósito atingir a igualdade entre os gêneros, assegurando a participação ativa das mulheres na sociedade em que vivem. Além disso, estes movimentos possuem cunho intelectual, que através de teorias e pesquisas objetivam provar que não existe diferenças entre a capacidade intelectual entre mulheres e homens.

Cabe um esclarecimento, o movimento feministas ao contrário do que muitos imaginam não luta pela soberania da mulher diante da sociedade, mas sim nada mais do que a justiça, ou seja, direitos iguais entre homens e mulheres.

Segundo Gregori (1993), o movimento feminista considera que a prática política não deve se ater simplesmente a um programa de lutas e reivindicações previamente formulado. O processo de emancipação só efetivo se criar condições para que as mulheres descubram juntas e em grupo como viver segundo um novo código de comportamento.

O Movimento Feminista possui papel de desconstrução do comportamento sexista, com o objetivo de uma vivência mais igualitária. Apesar de ter raízes no século XVIII e XIX, o feminismo teve seu ápice nas décadas de 1960 e 1970, ocorrendo em três momentos da história, no qual o primeiro, vivenciado entre os séculos XVIII e XIX buscava assegurar direitos ao voto, estudo e até mesmo ao divórcio, tendo em vista que as mulheres neste período eram muita mais submissas aos seus parceiros do que na contemporaneidade, vivendo apenas para o lar.

No segundo momento ocorrido em meados da década de 60 lutava em busca de liberação sexual, nesta etapa foram criados meios contraceptivos, ou seja, os anticoncepcionais. Esta fase do movimento feminista causou grande impacto diante da sociedade tendo em vista que para a época as mulheres ditas “direitas” só podiam praticar o sexo para a procriação, enquanto os homens poderiam se divertiram com as mulheres de “vida fácil”. Neste momento o sexo além de não ser apenas como fonte de gerar filhos, as mulheres passavam a decidir a hora certa para a maternidade. E no terceiro momento deu-se início na década de 1970 com o objetivo de igualdade no campo profissional, vale ressaltar que este objetivo não foi devidamente alcançado, haja vista que essa luta continua presente no nosso dia a dia, com mulheres exercendo a mesma função de um homem, porém recebendo salários inferiores. (POLITIZE, 2016)

Mesmo diante tantos avanços a luta continua, e com uma gama de objetivos, tendo em vista que os já citados ainda não foram totalmente concretizados, como também novos obstáculos foram surgindo. A violência contra a mulher na atualidade é uma das reivindicações do movimento, obtendo números alarmantes de vítimas. E mesmo depois de

uma lei específica para estes casos, ainda não se é o bastante para conter este tipo de ação, que pode vir a ocorrer das mais diversificadas formas causando danos irreparáveis na vida da vítima. E só após anos de luta alcança-se o desígnio de uma lei específica para a violência contra a mulher.

Apenas a partir de 2006, se foi efetivada a Lei Maria da Penha uma lei específica para a violência contra a mulher de número 11.340/2006.

Como consequência da referida lei, passa a existir um sistema de políticas públicas direcionado as mulheres. Isto somente é possível devido a união de esforços de diversos órgãos da administração pública federal e estadual, do poder judiciário e legislativo, dos ministérios públicos estaduais e defensorias públicas. Todos eles articulados entre si comprovam que a violência doméstica, como um fenômeno multidimensional que é, requer soluções igualmente complexas (Secretaria de Políticas para as Mulheres, 2012, p.11).

A Lei 11.340/06, intitulada como a Lei Maria da Penha, ganhou este nome, devido a uma grande ativista do movimento e também vítima de violência doméstica, chamada Maria da Penha Maia Fernandes, que lutou durante mais de 20 anos para que seu agressor que a deixou paraplégica após a primeira tentativa de assiná-la obtivesse uma pena adequada.

Maria da Penha que fora casada com Marco Antonio Herredia Viveros, veio a sofrer a primeira tentativa de assassinato no ano de 1983, enquanto dormia foi atingida por um tiro nas costas. Desta primeira tentativa Maria da Penha já saiu paraplégica. A segunda tentativa de homicídio ocorreu após poucos meses, quando foi empurrada por seu cônjuge e quase eletrocutada no chuveiro. Porém as investigações só começaram em junho, e a denúncia só veio ser apresentada ao Ministério Público em setembro do ano seguinte, e para tornar a situação ainda mais constrangedora o primeiro julgamento só ocorreu oito anos após os crimes.

Apesar de se passarem em média de quinze anos de luta e pressões internacionais, a justiça brasileira ainda não tinha colocado um ponto final nesta história. Maria da Penha obteve apoio de ONGs e assim enviou seu caso para Comissão Interamericana de Direitos Humanos (OEA), que ineditamente aceitou uma denúncia de violência doméstica. A OEA ainda penalizou o Brasil por omissão e negligência. E como punição foi proposto criar uma legislação adequada a este tipo de violência.

No ano de 2006 a lei Maria da Penha entrou em vigor. A partir desta a violência contra a mulher deixou de ser tratada como algo inofensivo, acabando também com penas simplificadas a exemplo de cestas básicas ou multas.

De acordo com a defensora pública do estado de São Paulo, Juliana Belloque, existe esse ‘vício’ de só enxergar gravidade e importância na violência física, e os outros tipos de violência não importam tanto quando há essa visão viciada. (www.agenciapatriciagalvao.org.br)

E foi com isso que a Lei Maria da Penha quis muito claramente romper quando explicou todas as formas de violência e todo o conceito de violência doméstica em seus primeiros artigos. É preciso entender que a violência física é só mais um traço de um contexto muito mais global de violência, que inclui a violência moral, humilhações, a violência psicológica, a restrição da autodeterminação da mulher.

Com isso, através da lei Maria da Penha, inúmeras mulheres que sofriam ou venham a sofrer algum tipo de violência, passam a possuir maior aparato legal para esta problemática. Tendo em vista que esta lei versa em seu Título II: Da Violência Doméstica e Familiar Contra a Mulher, Capítulo I: Disposições Gerais:

Art. 5º Para os efeitos desta Lei configura violência doméstica e familiar contra a mulher qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial:

I - no âmbito da unidade doméstica, compreendida como o espaço de convívio permanente de pessoas, com ou sem vínculo familiar, inclusive as esporadicamente agregadas;

II - no âmbito da família, compreendida como a comunidade formada por indivíduos que são ou se consideram aparentados, unidos por laços naturais, por afinidade ou por vontade expressa;

III – em qualquer relação íntima de afeto, na qual o agressor conviva ou tenha convivido com a ofendida, independente de coabitação (Brasil, 2006)

Em suma a lei 11.340/2006 proporciona uma proteção para as mulheres com relação a violência doméstica, buscando promover um avanço na legislação brasileira, tendo em vista que foram anos de luta para que este tipo de violência fosse realmente considerado relevante diante da sociedade, tornando-se assim uma lei. E apesar de muitas mulheres não denunciarem seus agressores, seja por medo ou por desconhecerem a Lei Maria da Penha esta lei tem trazido grandes avanços diante a sociedade.

3 METODOLOGIA

Refere-se a uma pesquisa exploratória de cunho qualitativo, com utilização de técnica de entrevista e recorte geracional como locus para observação do fenômeno estudado. Este tipo de pesquisa objetiva familiarizar-se com determinada problemática.

Segundo Gil (2008) o objetivo de uma pesquisa exploratória é familiarizar-se com um assunto ainda pouco conhecido, pouco explorado. Ao final de uma pesquisa exploratória, você conhecerá mais sobre aquele assunto, e estará apto a construir hipóteses.

A técnica selecionada para a realização deste trabalho foi o método geracional:

A Teoria Geracional de Strauss e Howe é um ambicioso modelo explicativo das diferenças entre gerações e da forma como estas interagem umas com as outras e com as épocas históricas em que vivem, à medida que são influenciadas pelo contexto em que se desenrola a sua infância e juventude, para mais tarde influenciarem o curso da história quando entram nas idades mais maduras. Embora o alcance e ambição deste modelo o levem a recorrer a estereótipos, a dinâmica que descreve tem uma grande utilidade para compreender os valores e o comportamento das gerações e as relações entre elas, bem como para formular hipóteses a esse respeito (<http://cranberryabc.com/wp-content/uploads/2014/11>).

A pesquisa geracional tem por objetivo analisar como as gerações interagem dentro da sociedade, como também a forma que estas percebem e interpretam determinado acontecimento. Tendo em vista que, é perpassado de geração para geração determinados conceitos e éticas, estes podem ou não moldar-se de acordo com o passar dos anos e por consequência modificar a maneira de percepção de cada geração.

Nesta pesquisa foi utilizado esta metodologia, partindo do pressuposto de que por mais que uma cultura ou pensamento seja passado de geração para geração como herança, nota-se que os indivíduos eles tendem a modificar seus pensamentos e assim modificar alguns de seus costumes, pois vale ressaltar que vivenciamos é uma sociedade que experimenta uma mudança constante.

3.1 CENÁRIO DA PESQUISA

Esta pesquisa foi realizada na microrregião do Cariri Ocidental da Paraíba na cidade de Serra Branca, situada a 242 km da capital paraibana. O nome Serra Branca foi dado em alusão a Serra do Jatobá ponto turístico da cidade. (www.cidades.ibge.gov.br)

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) na realização do último censo em 2010 o município contava com 12.973 habitantes e uma área territorial de 687.535 Km. O instituto ainda faz uma estimativa de que em 2016 a população seria de 13.637 habitantes.

Vale ressaltar que esta cidade não é possuidora de nenhum serviço especializado em atendimento à mulher que sofreram ou venha a sofrer algum tipo de violência contra a mulher, como também não existe Conselho Municipal dos Direitos da Mulher. Com isso a cidade não possui algum método eficaz para combater a violência ou orientar mulheres de como esta pode ocorrer das mais diversificadas formas.

A pesquisa ocorreu com nove mulheres do município mencionado acima, e se deu através da técnica de entrevista, no qual se fez de suma importância para este trabalho, pois através desta técnica podemos obter um melhor contato podendo adquirir mais informações diante o tema pesquisado.

3.2 PARTICIPANTES DA PESQUISA

A amostra da pesquisa foi formada por nove mulheres, sendo três grupos com três mulheres cada. Estas não necessariamente necessitavam ter sofrido algum tipo de violência contra a mulher, porém necessitavam fazer parte da mesma família. Este número definido para a amostragem deve-se a possibilidade das entrevistadas serem suficiente para a análise geracional.

O critério para estas mulheres participarem da pesquisa se fazia necessário as três de cada grupo pertencerem à mesma família. Sendo três entre 20 a 25 anos de idade, três entre 45 a 50 anos de idade e três entre 88 a 93 anos de idade, ou seja, a avó, a mãe e a neta. Estas tiveram que responder sobre violência contra a mulher em uma entrevista realizada individualmente.

As mulheres que concordaram em participar da pesquisa estão cientes do objetivo da mesma expressaram sua voluntariedade mediante assinatura do termo de consentimento, que encontra-se claro e objetivo expondo o total compromisso ético para que suas identidades não fossem reveladas, conforme modelo no Apêndice A.

3.3 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

Para a realização da pesquisa o instrumento de coleta de dados utilizado consistiu em um roteiro para a condução da entrevista sobre violência contra a mulher, contendo oito (08) perguntas, conforme modelo no Apêndice B, que foram discutidas pelas entrevistadas, para assim alcançar resultados.

A entrevista deu-se em apenas um bloco temático, no qual estava todo voltado para as questões de violência contra a mulher, para assim obter melhor compreensão dos fatos analisados.

3.4 PROCESSO DE COLETA DE DADOS

Inicialmente procurou-se mulheres que enquadrassem no perfil da pesquisa geracional. Foram selecionadas nove (09) mulheres divididas em três grupos. Sendo apresentado as mesmas o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, após a autorização das entrevistadas deu-se início as entrevistas.

As entrevistas deram-se do seguinte modo: a princípio foi lido o Termo de Consentimento para cada participante e logo após foi entregue para assiná-lo. Depois de assinado as entrevistas foram realizadas individualmente com a utilização do recurso de gravador de voz de aparelho celular e um caderno de campo para anotações. As entrevistas se deram individualmente na casa de cada uma delas para assim ser possível resguardar o anonimato das entrevistadas, como também conservar o conteúdo em sigilo.

No decorrer da entrevista algumas das mulheres demonstravam timidez, porém todas responderam com pouca conversa e muita objetividade. Uma dificuldade encontrada durante a pesquisa foi o de encontrar voluntárias dispostas a serem entrevistadas como também que se enquadrassem no perfil da pesquisa geracional.

3.5 PROCEDIMENTO DE ANÁLISE DOS DADOS

Após a realização das entrevistas foi realizada a análise de dados, que fundamentou-se na separação dos elementos básicos da informação para assim analisá-los, de modo que respondesse as indagações impostas na pesquisa.

A entrevista desenvolveu-se de forma temática e estruturada, tendo em vista que deu-se de maneira individual e com perguntas já definidas, ou seja, o entrevistador e o entrevistado e foi abordado com um tema determinado, apenas tratando-se de violência contra a mulher.

Na fase de análise dos dados buscou-se a elaboração de categorias em que as Representações Sociais das entrevistadas pudessem ser elencadas.

4 RESULTADO E DISCUSSÕES

Este trabalho foi desenvolvido mediante o uso de um roteiro de entrevista, o qual foi progredido em apenas uma temática, que dessa forma significa possuir apenas uma categoria de análise. Com isso a categoria analisada foi toda pautada nas questões de violências contra a mulher, dessa forma o objetivo era o de identificar como as entrevistadas representam a violência contra a mulher, tendo em vista que não existe apenas um tipo de violência.

Mediante o exposto averiguaremos quais são as representações sociais destas mulheres para com a violência contra a mulher. Ressaltando que este estudo é um estudo comparativo tendo em vista que, pretende-se verificar os pensamentos de cada geração.

Por questões éticas e com o intuito de resguardar o anonimato das entrevistadas seus nomes foram substituídos por pseudônimos sendo assim identificados por nomes de flores como: Margarida, Flor, Rosa, Orquídea, Amélia, Gardênia, Tulipa, Gérbera e Iris.

As mulheres entrevistadas, todas são pardas, e com relação ao nível de escolaridade vão evoluindo de acordo com a geração, tendo em vista que as mais velhas não possuem segundo grau completo, já as intermediárias concluíram o segundo grau e as mais novas conseguiram adentrar em uma universidade, porém ainda não concluíram.

Sabe-se que ao longo dos anos a sociedade foi moldada por um pensamento fechado e totalmente machista, dessa maneira a construção das famílias também se estruturavam mediante o machismo e o patriarcalismo, no qual o homem era provedor da família como também quem determinava tudo e a mulher apenas aquele ser doce, dócil e feito para cuidar do lar. Com o passar do tempo lutas foram travadas para combater esta ideologia, as mulheres buscavam e ainda buscam reconhecimento e um espaço de destaque diante a sociedade, pois seu lugar não é apenas “pilotando” um fogão, porém ainda é um tanto comum ouvir opiniões machistas inserido nas relações sociais.

Este trabalho por se tratar de uma pesquisa geracional observa-se que mesmo diante a uma sociedade que avançou em termos de consolidação na noção de direitos, as histórias quase sempre se repetem e com isso acredito que ainda possa dizer que o pensamento machista de uma geração perpassa outras, embora que de maneira mais leve e menos tosca.

A cidade na qual foi realizada a pesquisa não possui nenhum tipo de apoio institucional à mulher que sofreu ou venha a sofrer algum tipo de violência, como também não possui nenhum órgão especializado em apoiar ou orientar a vítima, fazendo com que muitas mulheres não tenham o conhecimento adequado para esse assunto.

Quando tratamos sobre violência com as entrevistadas, evidenciam-se respostas aproximadas sempre com o sentido voltado para a violência física. Porém sabe-se que violência contra a mulher vai muito além de atos com finalidades de agressão física. É considerado violência contra a mulher qualquer ato ou conduta que seja baseado no gênero, podendo vir a causar morte, dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico a mulher.

Para as entrevistas acima de 88 anos: O que é violência:

“Violência é quando existe algum tipo de agressão”. (Tulipa – 92 anos)

“Quando uma pessoa utiliza de sua força física para agredir alguém”.
(Gérbera – 88 anos)

“É a forma que se usa para ferir alguém ou machucar, usando a força”.
(Iris – 90 anos)

Segundo as entrevistadas de mais idade tratar sobre violência, é apenas associar a questões de agressões físicas ao qual qualquer ser humano pode vir a sofrer, e este tipo de pensamento não está presente apenas nas reflexões das mulheres avós, de décadas passadas, mas em mulheres de idade compreendidas no intervalo de 45 a 50 anos, tendo em vista que foram criadas a partir de experiências das mulheres de mais idade.

“Quando acontece o uso da força física para com alguma pessoa”.
(Orquídea – 46 anos)

“A violência é forma usada para ferir alguém, com agressões físicas”.
(Amélia – 48 anos)

“É a utilização da força para machucar uma pessoa”. (Gardênia – 50 anos)

O pensamento embora que um pouco moldado, ainda está muito ligado e associado ao pensamento das mais velhas, e isso não se faz distinto para com as mais novas, que mesmo estando em uma realidade um pouco diferenciada tem a mesma concepção.

“Violência é o uso da força, da agressividade”. (Margarida 21 anos)

“É o uso da força física para machucar alguém”. (Flor – 23 anos)

“É quando se aproveita da força física para agredir alguém, seja com tapas, murros, chutes ou outros meios”. (Rosa – 24 anos)

De acordo com as entrevistadas o ato de violência é algo que está apenas associado a ações físicas, seja ele caracterizado por tapas, empurrões, puxões de cabelos entre outros, porém é algo que vai muito além de agressões físicas.

Segundo Krug (2002) violência é caracterizado por ações realizadas intencionalmente que resulte ou venha a resultar em morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação, seja este ato realizado contra um pessoa, grupo ou comunidade. Sendo assim para se configurar violência, basta apenas a realização de um ato premeditado e que afete de alguma forma a vida de outrem.

Depois de décadas, abordar sobre violência ainda é algo que precisa ser tratado com cautela, pois observando as respostas das entrevistadas observa-se uma repetição de pensamentos. Embora sejam costumes passados de geração para geração temos que analisar as respostas não apenas como algo que é totalmente dependente dos costumes, mas que mesmo com o passar dos tempos violência é abordado como algo naturalizado perante a sociedade.

Ainda vale ressaltar que esse assunto não para por aí, pois além de pensarem assim com relação a violência, também associam a violência contra a mulher apenas a violência física.

“Violência contra a mulher acontece quando o companheiro agride a mulher, com tapas, empurrões”. (Tulipa – 92 anos)

“Uma mulher é mau tratada por seu companheiro”. (Gérbera – 88 anos)

“A mulher sofre agressões”. (Iris – 90 anos)

Mulheres como Tulipa, Gérbera e Iris foram inseridas dentro de uma sistemática totalmente machista e patriarcal e dessa maneira passaram para suas filhas uma criação parecida com aquela que obtiveram no passado. Com isso, mesmo com o passar dos tempos, as mulheres filhas continuaram com praticamente o mesmo pensamento com relação a violência contra a mulher, aquela violência que está na maioria das vezes associada ao ato físico.

A perspectiva relacionada a violência contra a mulher, mesmo com o passar dos anos trazendo novas gerações os pensamentos a respeito da violência ainda são muito parecidos ao de gerações anteriores ao qual não possuíam acesso a quantidade de informações como se possui na contemporaneidade. Porém educação é algo que ultrapassa o tempo e com isso se faz notório que mesmo com os avanços da sociedade os resquícios de uma educação patriarcal e machista se fazem presente perante as gerações posteriores.

“Ocorre quando o marido bate na mulher”. (Orquídea – 46 anos)

“É a violência ocorrida entre homem e mulher”. (Amélia – 48 anos)

“É quando a mulher é maltratada”. (Gardênia – 50 anos)

As mulheres netas pensam muito parecido com as mulheres avós e isso é algo compreensível devido à educação que possuem como também a falta de esclarecimentos, pois sabe-se que na cidade de Serra Branca não possui delegacias especializadas como também algum tipo de órgão capacitado para tais esclarecimentos e embora existam propagandas em redes sociais, isso ainda não é o bastante para inverter esta situação.

Contudo, os dados nos colocam algumas indagações. Qual o alcance da informação na mudança concreta dos comportamentos sociais? Indagações como esta podem compor um novo trabalho com relação ao tema pesquisado.

“A mulher é vítima de algum tipo de mau trato”. (Margarida – 21 anos)

“Isso é quando a mulher sofre alguma violência feita pelo homem”. (Flor – 23 anos)

“A mulher é alvo de espancamentos”. (Rosa – 24 anos)

Sabe-se que a geração destas mulheres acima é completamente distinta das gerações atuais, ao qual o papel da mulher estava associado e voltado apenas para o lar, para o ser dócil, frágil e responsável em manter a harmonia perante a família, associam violência contra a mulher a um tipo de ação baseada apenas a agressão física e que mesmo a mulher sendo vítima é obrigada a manter-se neste tipo de situação, tendo em vista que são criadas para aceitarem qualquer conduta realizado por seu companheiro.

De acordo com a Lei Maria da Penha violência contra a mulher é qualquer conduta - ação ou omissão - de discriminação, agressão ou coerção, ocasionada pelo simples fato de a

vítima ser mulher e que cause danos, morte, constrangimento, limitação, sofrimento físico, sexual, moral, psicológico, social, político ou econômico ou perda patrimonial. Essa violência pode acontecer tanto em espaços públicos como privados.

As respostas dadas pelas participantes são simples e diretas, mas com praticamente o mesmo sentido. Podemos afirmar, por meio dos dados desta pesquisa, que tratar sobre violência contra a mulher para a sociedade ainda é algo irrelevante, mesmo que seja na contemporaneidade. Isso se evidencia por meio das respostas dadas pelas “netas”, que embora tenham sido criadas de acordo com determinados costumes, a sociedade não é mais a mesma em que as “avós” vivenciaram sua mocidade, porém esta sociedade que se diz evoluída não buscou conscientizar o indivíduo que continua vivendo em um sistema patriarcal e machista.

Foram três perguntas que obtiveram o mesmo sentido, pois quando é explanado sobre a violência doméstica as respostas se fizeram quase as mesmas:

“É o tipo de violência que acontece dentro da própria casa”. (Tulipa – 92 anos)

“É um tipo de violência que ocorre no ambiente familiar”. (Gérbera – 88 anos)

“Acontece em casa”. (Iris – 90 anos)

Ao abordar sobre violência, seja ela contra a mulher ou doméstica, a maioria das mulheres e por consequência as que se dispuseram em participar deste trabalho, sempre associam ao ato de violência física e tão pouco sabem que violência está relacionado a inúmeros atos.

“Acontece no ambiente da família, em casa”. (Orquídea – 46 anos)

“É tipo de violência que acontece dentro de casa”. (Amélia – 48 anos)

“Ocorre dentro da própria casa”. (Gardênia – 50 anos)

Além de se tratarem de opiniões semelhantes, são opiniões que não estão totalmente de acordo com aquilo que realmente é, já que as respostas demonstram o quão as mulheres são desinformadas para com a situação.

“Ocorre dentro de casa”. (Margarida – 21 anos)

“É uma violência que acontece no ambiente da família, em que o homem faz uso da sua força para bater na sua mulher.” (Flor – 23 anos)

“Acontece dentro da própria casa”. (Rosa – 24 anos)

De acordo com Zilberman (2005) a violência doméstica é qualquer ato de abuso físico, sexual ou emocional praticado contra mulheres, crianças ou idosos no ambiente doméstico. É um fenômeno que se encontra perante a sociedade desde os primórdios, porém só passou a fazer parte das estatísticas no final do século XX.

As mulheres entrevistadas são praticamente o espelho de tantas outras as quais não pude entrevistá-las ou ao menos obter uma conversa informal, com isso observa-se que a maioria das mulheres podem vir a sofrer algum tipo de violência sem ao menos saber que está sendo violentada, sem ao menos obter o direito de se proteger ou se defender, pois vivemos em uma sociedade em que a violência contra a mulher se torna cada vez mais inadmissível, porém mesmo diante de lutas e conquistas é vista como irrelevante.

Ao desenrolar da entrevista com cada uma das participantes foi abordado sobre vivências relacionadas a violência contra a mulher, se estas já tinha sofrido algo parecido, ou seja, sendo vítima ou até mesmo se conheciam alguma parente ou amiga vitimada.

As respostas obtidas foram as mesmas, nenhuma das participantes vivenciaram ou conheciam alguém que sofreu violência contra a mulher. Talvez suas respostas poderiam não ser verdadeiras, tendo em vista que, por se tratar de uma temática um pouco delicada de se expor talvez tenham tido receio de se abrirem um pouco mais, ou então por apenas associaram a violência para com a mulher de forma física não sabem que podem ter vivenciado ou conhecido alguma vítima de violência.

Fica evidenciado, por meio dos dados coletados, que para estas mulheres a violência contra a mulher se faz mediante atos de violência física quando abordamos o seguinte questionamento: Para você, existe vários tipos de violência? Você pode me citar quais são? E suas respostas são todas voltadas para a violência física, independente de geração ou família.

“Sim, bater, empurrar”. (Tulipa – 92 anos)

“A violência é um tipo de agressão em que as pessoas utiliza de sua força física pra violar alguém”. (Gérbera - 88 anos)

“Chutes, tapas, arranhões”. (Iris - 90 anos)

Ao longo das entrevistas vai se tornando mais nítido o pensamento de cada mulher, e esse pensamento um tanto parecido nas distintas gerações só nos direciona para um mesmo caminho, em que mulheres poderão vir a tornar-se vítimas desta problemática, não sabem como expor violência de uma maneira mais coerente, tendo em vista que não possuem o devido conhecimento sobre a temática e cada vez mais associam violência contra a mulher apenas a violência física.

“Tapas, empurrões, surras”. (Orquídea – 46 anos)

“É um ato que traz agressão, seja em forma de tapas, murros, empurrões”. (Amélia – 48 anos)

“Murros, tapas, empurrões”. (Gardênia – 50 anos)

Os anos passam e gerações são modificadas, porém a maneira que se educa é perpassado de geração para geração e dessa forma se faz notório que a orientação dada pela família é o alicerce para a formação do pensamento de qualquer indivíduo. Com relação a violência contra a mulher não se faz diferente, tendo em vista que mesmo com o passar dos anos e diante tantas conquistas vivenciadas pelas mulheres o pensamento ainda é respaldado por uma mistura de machismo e patriarcalismo.

“São os vários tipos de agressão, tapa, empurrão, murros”. (Margarida – 21 anos)

“Acontece de várias formas, pode ser com tapas, puxões de cabelo, socos”. (Flor – 23 anos)

“Bater, chutar, empurrar”. (Rosa – 24 anos)

A partir destas respostas é relevante ressaltar que as mulheres em nossa cultura e principalmente em Serra Branca, local onde ocorreu a pesquisa, são ensinadas a serem submissas aos homens devido ao sistema patriarcal. Logo, observa-se que estas não são orientadas para identificar e se protegerem das mais diversas formas de violência existente contra a mulher, em que na maioria dos casos as vítimas não são agredidas apenas fisicamente, mas são também agredidas moralmente, verbalmente, sexualmente, psicologicamente entre outras formas e não sabem.

Da mesma forma que não sabem, não são atendidas em postos especializados nesta problemática, tendo em vista que são poucos os postos de atendimento a violência contra a mulher, e na cidade de Serra Branca não possui este tipo de atendimento especializado, ou

seja, não possui Delegacia da Mulher ou outra instituição responsável por dirimir os casos de violência contra a mulher.

Como já foi exposto mais acima nesta pesquisa, violência contra a mulher é dividida em visual como violência física, sexual, patrimonial, pois estas podem ser percebidas de alguma forma por outrem. Não-visual como violência psicológica, moral aos quais quase não são percebidas.

A sociedade além de ser patriarcal proporciona a maioria dos indivíduos e por consequência para as mulheres desenvolver um pensamento pautado no senso comum, aguçado para o machismo, e através deste senso comum fica exposto o quanto as mulheres possuem pensamento machista, tendo em vista que ao encerramos nosso questionamento foi indagado as participantes a seguinte problemática: Em sua opinião o que leva uma mulher a permanecer em um relacionamento abusivo?

“A mulher que permanece nessa situação deve ser por que gosta, da forma que está vivendo”. (Tulipa – 92 anos)

“Deve ser por que ela gosta da vida que leva”. (Gérbera - 88 anos)

“Ela sabe que se deixar é pior”. (Iris - 90 anos)

As entrevistadas entre 88 a 92 anos, nos traz fortemente uma visão machista com relação ao questionamento sobre relacionamento abusivo, sabemos que no tempo das nossas avós os casamentos eram para a vida toda, embora que seus maridos as maltratassem, traíssem ou algo parecido elas eram obrigadas a permanecerem dentro deste relacionamento, pois caso contrário ficariam faladas diante da sociedade. Com o passar dos anos ainda vemos o machismo muito presente neste contexto porém não com tanta força para esta questão abordada, tendo em vista as respostas das mães:

“Uma pessoa que continua vivendo esse tipo de situação, deve ser por que algo prende ela a isso”. (Orquídea – 46 anos)

“É uma situação complicada, pode ser falta de amor próprio, pode ser a vida que ela queira levar”. (Amélia – 48 anos)

“Em alguns casos é difícil dizer o por que ela permanece, em outros acredito ser pelos filhos”. (Gardênia - 50 anos)

Vendo as respostas das entrevistadas com idade entre 46 a 50 anos, constatamos opiniões um pouco diferenciadas, identificando os filhos como motivo da permanência dentro

do relacionamento. Vejamos que em alguns casos as mulheres vítimas de violência não trabalham, com isso não possuem condições financeiras e talvez até mesmo psicológica de criarem seus filhos sozinhas, com isso permanecem neste tipo de relação.

As participantes mais jovens, ou seja, as netas também trazem consigo em seus pensamentos o machismo inserido nas suas concepções, porém não tanto quanto as avós, elas já trazem consigo uma visão distinta, ressaltando que estas já não veem o casamento como algo obrigado, ou que tenha que permanecer para o resto de suas vidas.

“A mulher que se deixa levar por uma situação dessas as vezes permanece por que não tem como se manter financeiramente e manter seus filhos”. (Margarida – 21 anos)

“Às vezes ela é obrigada a permanecer neste tipo de situação por vários motivos, filhos por exemplo”. (Flor – 23 anos)

“A mulher quando fica nem sempre é por que quer ou gosta da situação, as vezes existe outros motivos que faz ela ficar”. (Rosa – 24 anos)

Neste quesito as respostas foram bastante distintas de geração para geração, tendo em vista que mesmo os ensinamentos sendo praticamente os mesmos a perspectiva para a convivência em um relacionamento é outra.

As nossas avós foram criadas e incentivadas a permanecerem em um casamento independente de qualquer circunstância, pois seus maridos eram seus donos e com isso deveriam total respeito e obediência aos seus companheiros. Ao longo dos anos e com a aprovação do divórcio no Brasil esta situação foi se moldando e na contemporaneidade já não se vê o casamento como algo que deve permanecer para o resto das vidas de um casal. Por meio do divórcio pessoas se mantêm casados até o momento que se existe uma boa convivência com o outro, porém quais são os motivos que leva uma mulher a permanecer dentro de um relacionamento abusivo em que sofre todos os dias vivendo o sofrimento da violência já que muitas mulheres sofrem diariamente violência não física e mesmo assim não sabem que são vítimas, sofrendo a violência psicológica e emocional?

Para Miller (1999) o abuso emocional assume muitas formas no caminho para o objetivo do poder e todos eles destroem aos poucos o auto-respeito e a auto-estima da mulher. Um homem pode começar com uma reclamação e deslizar para as críticas constantes e xingamentos antes mesmo de ela perceber a existência de um problema. Ele pode envergonhá-la em público, gritando ou humilhando-a. Pode acusá-la de ter amantes e começar a vigiar cada movimento seu, seguindo-a quando ela encontra um amigo. Pode afastar-se

quando ela tenta conversa ou fazer cara feia e não falar com ela durante dias seguidos. Pode lançar acusações e blasfêmias contra seus pais e outros parentes aos quais ela é muito ligada. Pode proibi-la de tomar decisões ou opinar em assuntos familiares e, até mesmo, em seus assuntos particulares.

A mulher vítima do abuso emocional vive num estado de medo: o que o homem fará a seguir? Sua vida torna-se um inferno. Com medo de baixar a guarda, ela não pode sequer desfrutar de momentos tranquilos com ele – um filme ou uma noite com amigos – sempre cautelosa, sabendo o que ele pode fazer com um mínimo de provocação.

De acordo com as mulheres entrevistadas se torna visível o quanto ainda vivenciamos em meio do machismo e patriarcalismo diluído diante os conceitos da sociedade, ao qual o indivíduo realiza ações sem sequer dar-se conta da gravidade. Com isso, verificamos que a violência contra a mulher é algo que ainda precisar ser bem debatido, tendo em vista que mesmo na contemporaneidade as gerações mais jovens ainda trazem em seus pensamento resquícios do patriarcalismo juntamente com o machismo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trata-se de um trabalho geracional, intencionado em expor sobre violência contra a mulher, abordando as diversas formas de violência contra a mulher e de como estas podem se manifestarem. Como também relata pensamentos de mulheres de gerações distintas. Analisa o pensamento de mulheres em três gerações, para dessa forma verificar como se moldou a concepção de violência contra a mulher diante as próprias mulheres. São três gerações bastante distinta, porém trata-se de avós, filhas e netas ao qual são possuidoras de uma educação semelhante.

A pesquisa foi realizada na cidade de Serra Branca interior do cariri paraibano, uma cidade típica de interior, que não possui Delegacia da Mulher ou órgãos especializados na problemática, assim como a maioria dos 29 municípios que compõem o Cariri Paraibano.

A pesquisa foi realizada com mulheres nascidas e criadas na mesma região, dentro de uma conjuntura política voltada para o patriarcalismo e machismo. Desta forma, tratam-se de mulheres que estão inseridas dentro desse sistema e que através do mesmo, educaram suas filhas e netas de acordo com determinados princípios.

Ao longo da pesquisa nota-se respostas curtas, mas com a mesma mentalidade, pois vale ressaltar que netas trazem consigo respostas pensadas por suas avós. Sabe-se que a educação é o pilar para o desenvolvimento de qualquer indivíduo, e dessa forma não se faz diferente para opiniões a respeito de determinados assuntos.

Ao abordar sobre violência contra a mulher, a princípio, nota-se receio em responder as questões expostas, e mesmo não se tratando da vida íntima de cada uma é notório uma resistência, produzindo respostas curtas e diretas. A cada pergunta realizada as entrevistadas abordavam sobre violência contra a mulher como algo que está inteiramente ligado ao aspecto físico. Porém, de acordo com a literatura, violência contra a mulher pode ser ocasionada das mais variadas formas, desde um apelido constrangedor até mesmo a morte.

A princípio, a intenção estava voltada para o conhecimento das mulheres, ou seja, se elas as entrevistadas conhecem sobre violência contra a mulher e as suas variadas formas. Porém ao longo das entrevistas, as mesmas demonstraram conhecer pouco sobre o assunto, evidenciando a falta de conhecimento, apenas se expressaram com relação à violência física, pois como já foi relatado a cidade não é possuidora de entidades especializadas na temática. Com isso se fez notório o quanto o assunto necessita ser abordado.

A sociedade em que as mulheres estão inseridas, na maioria dos casos não proporciona um novo prisma de idealização diante do assunto, e com isso mulheres que podem vir a serem

vítimas de violência abordam sobre o tal diante de um aspecto superficial e comum. E ainda se mostram dentro de um pensamento egocêntrico relacionado a vítimas que por um leque de motivos se mantêm em um relacionamento abusivo.

A realidade é que a temática violência contra a mulher ainda necessita de muitos debates, pois no país apenas 7% dos municípios possuem Delegacia da Mulher, ou seja, de 5.565 cidades apenas 397 estão aptas em atender mulheres vítimas de violência, e ainda vale ressaltar que diante deste número tão pequeno as delegacias da mulher não funcionam 24 horas por dia, dificultando muitas vezes a realização de denúncias.

Em outra medida, este trabalho para a Sociologia possui grande relevância, tendo em vista que a violência contra a mulher é algo que encontra-se diluído na sociedade, em que os indivíduos na maioria dos casos observam este tipo de situação como algo irrelevante. Diante do cariri paraibano através da cidade de Serra Branca possuímos uma noção de como a região ainda observa este tipo de ocorrência como algo natural, isto sabe-se que é devido os resquício de machismo e patriarcalismo arraigados nas relações sociais.

Também é relevante a importância deste trabalho para traçar um panorama a respeito do Cariri Paraibano, que possa servir de base para a elaboração de políticas públicas.

Em suma, a pesquisa nos mostra o quanto o pensamento de muitas mulheres encontra-se distante da literatura, o quanto o machismo encontra-se diluído nas relações sociais, tornando comum práticas de violência contra a mulher. E mesmo com a mulher ganhando mais espaço diante da sociedade, ainda sofre grandes preconceitos

As descobertas desta pesquisas suscitaram questionamentos que vão além do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), impulsionando o desejo de aprofundar a temática por meio de trabalhos futuros, especialmente inseridos em uma pós-graduação.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S.S. **Feminicídio algemas (in) visíveis do público-privado**. Rio de Janeiro: Livraria e Editora Revintar Ltda., 1998.

ARAÚJO, M. F. MATTIOLI, O. C. **Gênero e Violência**. São Paulo: Arte & Ciência, 2004.

BRASIL.GOV. Sobre **Violência Contra a Mulher**. Disponível em: <www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica>. Acesso em: 03 de fevereiro de 2017.

CNJ.JUS. Sobre **Violência Contra a Mulher**. Disponível em: <www.cnj.jus.br/programas-e-acoas/lei-maria-da-penha/sobre-a-lei-maria-da-penha>. Acesso em: 09 de fevereiro de 2017.

FAHS, Ana C. Salvatti. **Movimento Feminista**. Disponível em: <www.politize.com.br/movimento-feminista-historia-no-brasil>. Acesso em: 08 de fevereiro de 2017.

GALVÃO, Patrícia. **Dados Estatísticos de 2014**. Disponível em: <<http://www.compromissoeatitude.org.br>>. Acesso em: 11 de maio de 2017.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade**. São Paulo: Ed. Unesp, 1994

GREGORI, M.F. **Cenas e Queixas**. Um estudo sobre mulheres, relações violentas e a prática feminista. Rio de Janeiro: Paz e Terra; São Paulo: ANPOCS, 1993.

LINTZ, Sebastião. **O crime, a violência e a pena**. Campinas – SP. 1987.

KRUG, E. G. et al. (Org.). **Relatório mundial sobre violência e saúde**. Geneva: Organização Mundial da Saúde, 2002.

MILLER, M. S. **Feridas Invisíveis abuso não-físico contra mulheres**. São Paulo: Summus, 1999.

MINAYO, M. C. S. **Conceitos, teorias e tipologias de violência: a violência faz mal à saúde**. Disponível em: <http://www1.londrina.pr.gov.br/dados/images/stories/Storage/sec_mulher>. Acesso em 03 de março de 2017.

NEVU. **O conceito de violência e suas implicações**. Disponível em: <<http://www.nevusp.org/downloads/down021.pdf>>. Acesso em 13 de março de 2017

SAFFIOTI, H. I. B. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

_____, Heleith I. B. **Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero**, Rio de Janeiro 1996.

_____, Heleith I. B. Já se mete a colher em briga de marido e mulher. In: **Revista São Paulo Perspectiva**, vol. 13, n 4: São Paulo, 1999.

_____, Heleith I. B. **Violência Contra a Mulher e Violência Doméstica**. São Paulo, Editora Moderna, 1997.

POLITIZE. **Sobre Violência Conta a Mulher**. Disponível em: <www.politize.com.br/violencia-contr-a-mulher-questoes-vitais>. Acesso em: 18 de março de 2017.

SANTOS, C.M. IZUMINO, W. P. **Violência contra as Mulheres e Violência de Gênero: Notas sobre Estudos Feministas no Brasil**. Disponível em: <pdfs.semanticscholar.org>. Acesso em 21 de março de 2017.

SCOTT, J. W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, vol. 20, n° 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99.

TAUTONOMIA. **Violência psicológica**. Disponível em: <www.tautonomia.com/2015/10/violencia-psicologica.html>. Acesso em: 28 de março de 2017.

ZILBERMAN, M.L. BLUME, S.B. **Violência doméstica, abuso de álcool e substâncias psicoativas**. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/rbp/v27s2/pt_a04v27s2>. Acesso em: 08 de abril de 2017.

APÊNDICES

APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado (a) Sr.(a)

Eu, Myrna Maciel Alves, como aluna do Curso de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande/Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido – Campus- Sumé-PB, pretendo desenvolver uma pesquisa com mulheres do município de Serra Branca, intitulado **VIOLÊNCIA CONTRA MULHER EM SERRA BRANCA: um estudo geracional**, com o objetivo de analisar como as mulheres de três gerações deste município percebem a dinâmica de violência contra a mulher, sob orientação da Prof.^a Sheylla de Kassia S. Galvão (pesquisadora responsável). Esta pesquisa se realizará através de aplicação de questionário contendo perguntas abertas e fechadas.

O motivo pelo qual nos leva a enveredar sobre este tema é pelo fato de que ainda vivenciamos em uma sociedade machista e patriarcal, em que ainda se vê a mulher como o sexo frágil, dependente e inferior ao homem. A violência contra a mulher ainda é um tipo de ocorrência universal, que atinge qualquer classe social, etnia, religião ou cultura, ou seja, ela ocorre indistintamente. Com isso, possuímos a pretensão em realizar esta pesquisa com mulheres deste município para assim analisar como estas percebem a violência contra a mulher.

Informamos que será garantido o direito ao anonimato, assegurando sua privacidade. Você será livre para retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária, pois não acarretará qualquer dano nem custos para você. Esclarecemos que não será disponível nenhuma compensação financeira e que os dados contidos nesta investigação serão divulgados em eventos científicos da categoria e em periódicos.

Diante do exposto, reitero minha responsabilidade no referido estudo, através da assinatura abaixo:

Atenciosamente,

Sheylla de Kassia S. Galvão
Fone: (83) 3353.1850

Consentimento do voluntário.

Declaro que fui devidamente esclarecido (a) e admito que revisei totalmente e entendi o conteúdo deste termo de consentimento.

Eu, _____, aceito participar desta pesquisa desde que assegurado o anonimato. De minha parte o faço de livre e espontânea vontade, não tendo sido forçado ou coagido para tal, e ciente de que os dados serão usados pela responsável pela pesquisa com propósitos científicos.

Sumé, __/__/____

Assinatura do Participante

Endereço da pesquisadora responsável (trabalho): Sheylla de Kassia S. Galvão

Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido – CDSA/UFCEG Rua Luiz Grande, S/N - Sumé-PB - CEP 58540-000 - Telefone: (83) 3353.1850

E-mail: skgalvao@gmail.com

Endereço da pesquisadora responsável (trabalho): Myrna Maciel Alves

Telefone para contato: (83) 99621-3685

E-mail: myrna03_93@hotmail.com

APÊNDICE B

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO SEMIÁRIDO
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

PESQUISA: VIOLÊNCIA CONTRA MULHER EM SERRA BRANCA: um estudo geracional

Questionário
Pesquisa Geracional

Nome: _____

Idade: _____

01- Na sua opinião, o que é violência?

02- Para você, o que é violência contra a mulher?

03- O que você entende por violência doméstica?

04- Na sua infância presenciou alguma atitude violenta de seu pai para com a sua mãe?

05- Você conhece alguma amiga ou parente que já sofreu violência contra a mulher?
Como foi?

06- E você já sofreu algum de tipo de violência?

07- Para você, existe vários tipos de violência? Você pode me citar quais são?

08- Em sua opinião o que leva uma mulher a permanecer em um relacionamento abusivo?